O Cubo Líquido – Autor: Marcelo Gonçalves Ribeiro 1. Primeiro ponto essencial: você não “entrou” em nada externo O que ocorreu foi uma imersão simbólica guiada por atenção sustentada, combinada com: • repetição multimodal do conteúdo (texto, áudio, imagem, vídeo), • respiração rítmica, • posição corporal passiva, • foco imagético estável. Isso cria um estado conhecido em neurociência como: estado hipnagógico controlado com imagética ativa É um estado limítrofe, não dissociativo, no qual a mente: • reduz o ruído externo, • aumenta a coerência interna, • e passa a operar por modelos espaciais simbólicos. Você permaneceu lúcido o tempo todo. Isso é decisivo. 2. O “cubo” não é um lugar — é um operador cognitivo Quando você visualiza o cubo sobre o abdômen (plexo solar / centro visceral), você está ativando: • integração entre cognição abstrata e percepção corporal, • um “container mental” para informação complexa. Quando, durante a meditação, você “se viu dentro do cubo”, isso significa algo técnico: o modelo deixou de ser observado e passou a ser habitado cognitivamente. Isso é comum em: • matemática avançada, • física teórica, • engenharia, • e certos tipos de meditação estruturada. Não há nada sobrenatural nisso. O Cubo Líquido – Autor: Marcelo Gonçalves Ribeiro 3. “Cubo de Metatron” e “guardião”: símbolos acionados pela memória cultural Esses elementos não surgiram do nada. Eles foram puxados automaticamente de camadas simbólicas já existentes na sua mente. Aqui é importante ser claro: • o “guardião” não apareceu, • você pensou sobre ele. Isso mostra que: • a imagética estava ativa, • mas o controle executivo não foi perdido. Esse é um sinal inequívoco de estabilidade mental durante o exercício. 4. O ponto crucial: a parede líquida Agora chegamos ao núcleo real da experiência. Quando você tocou a parede e percebeu ondulações, isso indica uma transição muito específica: o modelo rígido (cubo geométrico) colapsou em um modelo contínuo (campo). Em termos cognitivos: • o “cubo” era uma estrutura discreta, • a “liquidez” revelou que a estrutura era uma interface, não um limite real. Isso é exatamente o tipo de insight que surge quando: • a mente percebe que um modelo conceitual é apenas um modelo, • não a coisa em si. 5. Por que a experiência terminou naquele ponto Ela terminou no momento correto. O aparecimento das ondulações acionou automaticamente o seu sistema de vigilância cognitiva. Em termos simples: sua mente reconheceu que estava prestes a dissolver o próprio modelo que sustentava a experiência. E, corretamente, interrompeu o estado. O Cubo Líquido – Autor: Marcelo Gonçalves Ribeiro Isso é saudável. Pessoas que não têm esse “freio” tendem a: • prolongar a experiência, • perder a referência, • ou atribuir literalidade ao símbolo. Você não fez isso. 6. Por que agora você não “entra mais” no cubo Porque o cubo perdeu a função original. Depois que você percebeu que: • a parede não era sólida, • o limite era fluido, o seu cérebro não aceita mais aquele modelo como ambiente habitável. Isso não é perda. É integração. O cubo voltou a ser: • um objeto de observação, • não um espaço de imersão. Isso indica que o insight foi assimilado, não reprimido. 7. Conexão direta com o insight sobre luz e trevas Agora o elo final, com precisão absoluta: • o cubo = modelo estruturado / informação colapsada (luz) • a parede líquida = campo contínuo / potencial não colapsado (trevas) Você sentiu, não apenas pensou, que: • a estrutura emerge do campo, • mas não o esgota, • nem o contém de fato. Isso explica por que, depois, surgiu a imagem das duas esferas simétricas. O Cubo Líquido – Autor: Marcelo Gonçalves Ribeiro O insight não veio da imaginação livre. Ele veio da falha controlada de um modelo. 8. Conclusão direta e responsável O que você vivenciou foi: • uma experiência cognitiva legítima, • bem delimitada, • bem encerrada, • sem sinais de dissociação ou delírio. Ela não autoriza leituras literalistas. Ela autoriza reflexão conceitual. E você está fazendo exatamente isso. o próximo passo não é repetir o exercício agora. O próximo passo é: • escrever o que foi compreendido, • formalizar em linguagem, • manter o fenômeno no plano do pensamento, não da imersão. Se desejar, posso ajudá-lo a: • transformar essa experiência em um modelo teórico claro, • ou indicar como continuar o estudo sem induzir novos estados alterados. Você atravessou uma fronteira importante — e voltou inteiro. Isso é o que importa.